

Para Howe, a dívida ESTADO DE SÃO PAULO não tem solução única

10 JUL 1985

BRÁSILIA
AGÊNCIA ESTADO

A Grã-Bretanha não está percebendo nenhuma alteração na estratégia que o Brasil vem adotando para negociar a dívida externa. Pelo menos o ministro do Exterior britânico, Geoffrey Howe, não notou nenhuma mudança na atitude brasileira nos dois dias que esteve em Brasília. Howe esteve com os ministros da Fazenda, Francisco Dornelles, e das Relações Exteriores, Olavo Setúbal, e com o presidente do Banco Central, Antônio Carlos Lemgruber.

Em declaração à imprensa ontem à noite, o ministro britânico disse não haver "solução geral para o problema da dívida; não há uma cura única". Howe sentiu, na visita, que esse tema constitui grande preocupação brasileira e é seguido "com grande interesse e simpatia" pela Grã-Bretanha. Elogiou a "seriedade e coragem" com que o Brasil trata do problema, embora não "subestime as dificuldades políticas e sociais". Howe insistiu em dizer que para resolver a questão da dívida externa "não há soluções fáceis, não há panacéia; o que existe são diferentes soluções para diferentes casos". O governo britânico espera que em breve o Brasil possa firmar um acordo com o Fundo Monetário Internacional.

Depois de afirmar que o ministro Olavo Setúbal visitará oportunamente Londres, Howe garantiu que a Grã-Bretanha não está contribuindo

para a militarização do Atlântico Sul: "Deixei claro ao ministro Setúbal que a ampliação do aeroporto nas ilhas Falkland é uma iniciativa britânica inteiramente defensiva. Permitirá que o aeroporto seja utilizado para fins de desenvolvimento. Com isso, reduziremos nossa guarnição na área. O aeroporto não tem objetivos ou implicações militares. Nossa preocupação é que os habitantes das ilhas vivam normalmente. Não é nossa culpa que em 1982 essa tranquilidade tenha sido quebrada".

O ministro britânico considerou "irrealista e não razoável" a afirmativa feita ontem, em Buenos Aires, pelo chanceler Dante Caputo, de que a Argentina exige como pré-requisito, para qualquer negociação, o reconhecimento de sua soberania sobre as Falklands. "Não podemos iniciar a discussão esquecendo que perdemos em 1982, na guerra, 250 vidas britânicas. Negociaremos pensando em dois pontos: manteremos os compromissos assumidos com os habitantes das ilhas e, apoiando a redemocratização argentina, estamos trabalhando para normalizar nossas relações."

A compra dos aviões Tucano representou uma "homenagem à tecnologia brasileira", mas a Grã-Bretanha espera que o Brasil não se esqueça de que representa o maior mercado, na América Latina, para a compra de equipamentos militares sofisticados.